“Geografia e Ideologia”: o papel de Nelson Werneck Sodré para a Geografia

MARTINS, Marco Túlio
marcogeografia2008@yahoo.com.br
Graduando do curso de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

ANSELMO, Rita de Cássia Martins de Souza
ritacmsou@ufu.br
Profª Dra. do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

A Geografia se constitui num ramo do campo científico que, sabidamente, apresenta contradições desde o início do seu processo de sistematização. Parte-se aqui do pressuposto que o contexto histórico-político apresenta importancia decisiva para a elaboração das teorias e das leis que regem o funcionamento de tal ciencia nos diferentes períodos. Este trabalho visa contribuir para a compreensão da formação da Geografia como ciencia e, como esta influencia e é influenciada pela dinâmica sócio-territorial de um período. Toma como base a obra *“Introdução à Geografia: Ideologia e Geografia”* de Nelson Werneck Sodré, que teve um papel singular e original no momento do processo de renovação crítica da Geografia.

Marxista radical, este historiador nasceu em 1911 e, já no final da década de 1930, iniciou sua produção bibliográfica chegando a publicar mais de 60 obras aguçando reações de diversos segmentos.

Junto a outras figuras de peso da intelectualidade brasileira como Hélio Jaguaribe, Cândido Mendes, Guerreiro Ramos, Roland Coirbisier e Álvaro Vieira Pinto, atuou junto ao Instituto Superior de Estudos Brasileiros – ISEB, nos anos 50, instituição esta que, de acordo com Gildo Marçal Brandão, “tanta importância teria na fixação da mentalidade do planejamento público entre nós e na generalização de uma visão mais arejada dos problemas nacionais” (BRANDÃO, 1999).

Sua contribuição mais direta para a Geografia foi a publicação da obra “*Introdução à Geografia: Geografia e Ideologia*”, em 1976. Se o contexto político não favorecia a publicação de textos de denuncia como este, porém, apresentava-se como um momento de intensas transformações. Quanto à

Geografia, começavam a despontar as críticas sobre a produção científica carregada de empirismo e passava-se a propor um grau maior de politização levando à superação da neutralidade científica apregoada.

No embate das discussões e no calor que se levantava em meio ao processo de renovação crítica devemos ter claro que na verdade o que se discutia era a própria ciencia ou o fazer científico. Neste sentido, começava então, a se olhar a ciencia de uma forma distinta. Segundo Gomes (2007), os críticos da Geografia praticada anteriormente ao movimento de renovação, pensavam a ciencia de uma outra forma, ou seja,

> (…) a ciência só pode ser interpretada segundo um ponto de vista político, e a pressuposição de neutralidade já é em si mesma uma premissa ideológica. A ciencia é o produto de uma sociedade desigual, na qual o poder é exercido por grupos minoritários que controlam também a produção do saber, seus objetivos e aplicações (GOMES, 2007, p.277).

A obra "*Introdução à Geografia*" trouxe críticas ao fazer geográfico antes nunca apresentadas tão contundentemente. É ela, de fato, um marco do processo de renovação crítica no Brasil, propondo-se a uma desmistificação do que era esta ciencia até então. Na realidade, o próprio título da obra é, em si, um paradoxo já que não é uma introdução para se conhecer a Geografia, mas, uma elaboração crítica sobre o papel político e ideológico que esta ciencia apresenta. É, assim, um desvendar das "ideologias geográficas", conforme proposto por Moraes (1988).

Em geral as críticas que foram direcionadas à Geografia Tradicional podem ser distinguidas em duas vertentes: aquelas que se direcionavam mais para o caráter teórico-metodológico e aquelas que direcionavam as críticas às questões práticas e ideológicas da Nova Geografia. (GOMES, 2007, p.274). Nelson Werneck Sodré na obra em questão se deteve muito mais às críticas acerca do famoso debate determinismo-possibilismo, do que à Nova Geografia. Isto, inclusive já foi apontado como um de suas limitações.

Um outro aspecto que podemos destacar é que em toda a obra, inclusive no título, é forte a sua preocupação com o caráter ideológico. Isto, em relação direta com a Geografia e a Geopolítica, diz respeito a dois processos importantes que, segundo Sodré, fazem parte do cunho exploratório fundante do capitalismo, que são o colonialismo e o imperialismo. Tendo em conta que

estes processos implicam em regionalizações do espaço, a Geografia asume, para Sodré, um caráter de alienação.

A partir dos anos de 1970, o marxismo teve um papel importante para a a renovação da ciencia geográfica. Segundo Gomes (2007), esta influencia do marxismo se deu de duas principais formas. De um lado influenciou a modificação do trabalho acadêmico colocando-o a par de sua responsabilidade política e social, ou seja, enquadrando-o "em uma visão mais ampla e consciente do contexto político da ciencia e da sociedade" (GOMES, 2007, p.284), e de outro lado, influenciou as ciencias sociais que passaram a elaborar "modelos deterministas inteiramente concebidos na esfera do domínio social" (GOMES, 2007, p.284), desta forma colocando as ciencias naturais, em outra posição.

Nelson Werneck Sodré apresenta-se como um pioneiro de tais discussões dentro da Geografia. Neste viés revolucionário estabelecido pelo marxismo e pela conjuntura do momento, o autor usou sua obra como uma arma de combate e de cunho transformador da ordem estabelecida. Desta forma, podemos entender a obra "*Introdução à Geografia"* como um "instrumento de denuncia", conforme proposição de Moraes (2005).

No Brasil, o governo militar moldava o processo de desenvolvimento do país perante o mundo. As ideias de um Brasil potência, de um país em desenvolvimento rumo à superação da "etapa do subdesenvolvimento", de um "milagre brasileiro", afloravam entre as elites, que definitivamente queriam colocar em vigor o projeto de modernização. Nesse sentido, foi estimulado o desenvolvimento dos setores científicos e tecnológicos para que o projeto geopolítico moderno se materializasse. Este projeto de modernização não foi algo sistematizado e pensado em conjunto como a idéia de projeto pode subenteder. Segundo Becker e Egler (1994) este projeto

> […] não resultou de uma campanha inteligente e racional, mas de uma série de iniciativas isoladas e tomada de decisões segundo as condições do momento, cheias de dilemas, que acabaram convergindo num projeto de governo gerido pelos militares. (BECKER & EGLER, 1994, p.125).

O incentivo a indústrias de bens de capital combinado ao processo de autonomia tecnológica propiciaria a dinamização e modernização do processo

produtivo do país. Estas políticas territoriais estavam atreladas à ideia de integração nacional. Quando as elites dirigentes decidiram e apostaram na modernização do territorio nacional, não diminuíram as desigualdades sociais junto ao desenvolvimento econômico acelerado, como foi proposto. Neste sentido, “a integração territorial foi um recurso ideológico essencial utilizado para ampliar o controle do território nacional e encobrir as políticas seletivas espaciais e sociais” (BECKER & EGLER, 1994, p.125-126).

Sodré vivia este processo por dentro, pois, como militar e comunista, experimentava as contradições diretamente. Na verdade, reconhecia a responsabilidade da Geografia acerca da produção territorial e social desigual e que, ao lado do Estado, propunha técnicas a fim de propiciar a modernização e o planejamento do território.

> A Geografia de nosso tempo – e ao século XX nos referimos – vive uma contradição entre o impulso de estudar os fenômenos, com sentido pragmático, e a natureza, para melhor explorar os seus recursos, e a necessidade de omitir resultados ou barrar pesquisas que contribuam para desvendar o caráter de classe do aproveitamento daqueles fenômenos e dos citados recursos. Assim, ora sonega as razões reais da erosão do solo ou do rompimento do equilíbrio ecológico do meio natural; ora estimula as pesquisas meteorológicas, em face das necessidades crescentes do transporte aéreo; ora desconhece as razões da miséria que convive com a opulência da natureza, em determinadas regiões; ora impulsiona a pesquisa de recursos minerais, para proveito de monopólios. Assim, de um lado, assiste-se a extraordinário surto de inovações técnicas, que permitem à Geografia Física seu avanço anárquico; de outro, ao surto das falsidades que povoam a Geografia Humana, retardando-a. (SODRÉ, 1976, p.9).

Segundo o historiador, houve também, uma certa incapacidade de criação de uma ciencia geográfica independente nos moldes brasileiros. Construiu-se assim uma ciencia no século XX, voltada para e baseada em, teorias que vieram de fontes externas, sobretudo da Europa. O autor coloca como um forte impedimento do desenvolvimento desta disciplina no Brasil, o histórico colonial, o que se refletiu sobre o país, tanto em termos culturais e políticos quanto econômicos. A Geografia não teria conseguido se desenvolver e se consolidar como uma Geografia brasileira em vista de ter se atido, sempre, aos modelos advindos da Europa.

> Se a Geografia era ainda, mesmo em suas fontes, arrolamento e descrição, e o Brasil se apresentava como simples cenário exótico ou pitoresco, sobre o qual as atenções se concentravam na medida mesmo em que acentuava diferenças, o nosso País, embora já autônomo, carecia de condições para criar uma ciencia própria, no sentido de, aproveitando o cabedal teórico formulado no exterior, sistematizar o conhecimento de nossa própria terra. A incapacidade para isso derivava de uma estrutura colonial, que ultrapassaria os marcos da autonomia: a cada fase histórica corresponde um estágio dos estudos geográficos. Os materiais para a Geografia, no século XIX, foram colhidos nas viagens e recolhidos aos arquivos. Dessa maneira, o sentido quantitativo e descritivo presidiu a acumulação e ordenação desse material bruto. As publicações ressentiam-se do mesmo caráter. Até as instituições, de que permanece, como típica, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, venerado e anacrônico, com a sua *Revista* recolhendo contribuições de viajantes e autoridades. (SODRÉ, 1976, p.10).

Nelson Werneck Sodré mostra que ainda houve uma tentativa de avanço da Geografia brasileira , porém, o contexto político impediu o desenvolvimento de uma ciencia que poderia ter a crítica social como uma de suas armas. Na realidade ela tinha tudo para que seu olhar fosse direcionado para uma crítica referente ao espaço produzido

Na tentativa de mostrar a existência de uma “pré-história” da Geografia presente na Antiguidade com os gregos, mas ainda não sistematizada como tal, Sodré remonta a um caráter ideológico presente já naquela fase. A concepção determinista predominante e a naturalização das desigualdades sociais como processos legítimos é que sustentava uma sociedade escravocrata como a dos gregos. O autor traz isto para discussão para demonstrar que estes processos são decisivos para a dominação e exploração na expansão mercantil e imperialista no mundo.

Com esta articulação realizada no inicio da obra, o autor explora como a Geografia vai aparecendo a partir das relações de poder e dominação existentes nestes processos de expansão marítima e mercantil na consolidação do capitalismo. Vai compondo, assim, as formas como a Geografia foi aparecendo desde os gregos até a Revolução Cientifica do século XVIII, traçando uma trajetória histórica repleta de escolhas que ampararam a Geografia científica a partir do século XIX e os seus moldes até a década de 1970 do século XX.

O início da história moderna da ciência geográfica revelou-se no momento em que avultaram novos conhecimentos advindos das grandes descobertas. Neste sentido, para Sodré, a Geografia nasce junto à etapa inicial

do colonialismo. A carga ideológica desse período é imensa, pensando na necessidade de se criar um processo de dominação e exploração de novas áreas. Segundo Sodré, “a burguesia cria as técnicas de que necessita, mas arma-se ideologicamente, também. A Geografia vai nascer, como disciplina autônoma, sob esses auspícios”. (SODRÉ, 1976, p.23).

Um outro ponto destacado e que é fundamental para discutirmos o papel da Geografia no processo de reprodução social é a sua relação com a História e, no geral, a sua relação com as ciencias naturais e com as ciencias sociais. Já se tornou muito comum o debate em torno do objeto de estudo da Geografia, ou ainda sobre seu caráter social ou natural; além disso, se ela é ou não o agrupamento de diversos saberes com um olhar próprio ou, quais são as aplicações de seus saberes.

O território por assim dizer, não pode ser compreendido sem se considerar o processo histórico, ou seja, fazer uma Geografia sem a História é cair num reducionismo de caráter ideológico. Quando Sodré levanta os questionamentos que dizem respeito a esta relação da Geografia com a História, é com a preocupação focada nas conseqüências que os conhecimentos geográficos produzidos podem gerar. Tais questionamentos partiram da seguinte formulação de Sodré:

> Os dois grandes problemas que a Geografia se defronta, nos preliminares de sua autonomia, permanecerão por longo tempo em discussão. O primeiro foi sua ligação com a História, de que foi tida, geralmente, como servidora: “A Geografia , assim como a cronologia, aspiram apenas a ilustrar a História”, chegou a afirmar um geógrafo inglês, Pinkerton, no inicio do século XIX. A Geografia deveria servir, e vinha servindo, apenas para esclarecer ou fundamentar aspectos ou episódios históricos. Chegara o momento, como escreveu Peschel, ao historiá-la, talvez mais importante, pois “de servente da História elevou-se à posição de sua mestra e, realmente empossada de visões proféticas, viu-se com o poder de predizer o futuro”. Ora, isso era a total inversão das coisas. Se a Geografia vinha servindo à História – nem sempre bem, como se viu dos exemplos citados – ela era colocada agora como sua tutora. Até que ponto essa inversão correspondeu à tentativa de retardar ou impedir o desenvolvimento da História, correspondeu a uma reação anti-histórica, que se tem repetido, sob outras condições e sob outras formas, ao longo do tempo? Até que ponto a ideia fundamental da História – a de mudança – encontraria na Geografia , erigida como ciencia do espaço imutável, considerável obstáculo ao seu avanço? Até que ponto o desenvolvimento da Geografia – claro que sob a forma que assumiu – representou esforço ideológico no sentido de retardar o desenvolvimento da História? (SODRÉ, 1976, p.23,24).

São três os principais questionamentos levantados por Sodré neste trecho e que nos levam a refletir acerca não só da relação Geografia e História, mas também do papel que a Geografia desempenhou durante o desenvolvimento histórico da organização social e política do mundo. A correspondência de uma reação anti-histórica na Geografia referia-se a uma preocupação com o presente, ou seja, era retirado da análise o processo de formação que é fundamental para entender a composição presente de uma determinada sociedade. Este processo é ideológico, pois, retirando a história retiram-se também as possibilidades de esclarecimento e entendimento das contradições ali presentes.

Neste sentido, os questionamentos de Sodré são em si interligados: o caráter anti-histórico da Geografia possibitou o desenvolvimento desta nos moldes que as classes dominantes necessitavam para a manutenção do *status quo* e para legitimar os processos de exploração e dominação. O caráter histórico representaria um obstáculo ao avanço dessa ciencia, pois, ligada ao aparato do Estado, consequentemente às classes dominantes, significava um rompimento com a ordem estabelecida e a organização social em processo. Isto significa que a Geografia teria parcela determinante na organização e no ordenamento realizado pelas classes dominantes. Tal característica propicia para uma ciencia que, tem como finalidade, a compreensão da organização dos objetos no território, esconder as mazelas de um sistema político e econômico repleto de contradições, visto a realidade da grande maioria da população, no caso brasileiro.

A História continuou normalmente seu desenvolvimento nesta fase em que a Geografia não a incorporou como importante para compor suas análises, mas também não retardou seu desenvolvimento. O que a Geografia fez foi não se atrelar ao conhecimento provido pela História, pois, tal conhecimento representava considerar o processo, ou seja, o movimento da sociedade, dando a abertura necessária para os questionamentos e críticas referentes ao seu fazer científico.

Ligado a todo este processo de expansão e ascenção do capitalismo, Sodré não poderia ter deixado de explicitar sua visão e o que representava a chamada Geopolítica. Para o autor, falar da Geopolítica compõe o eixo de todo o processo contraditório e ao mesmo tempo inerente vivido pela Geografia.

Ainda na visão do autor, a Geopolitica é parte de um fio de caráter ideológico que pertence ao determinismo ratzeliano. Nas palavras de Sodré, “desde que Ratzel lançara as bases do determinismo, abrem-se à Geografia dois caminhos: o cientifico e o ideológico. A Geopolítica representa a culminância da trilha ideológica”. (SODRÉ, 1976, p.54).

Sodré trabalha com a idéia de ciencia que não se desvincula da ideologia, portanto, não há essa separação. Isto é justificado pela idéia de ciencia que ele demonstra, ou seja, a ciencia está sempre ligada ao poderio das classes dominantes, sendo assim, ao caráter ideológico que é próprio desta ciencia. Assim, segundo Sodré, os possibilistas como os deterministas desenvolvem uma ciencia de classe, por fazer parte deste movimento da ciencia.

O autor radicaliza ao falar da Geopolitica e o que ela representa para Geografia. Erigida na etapa imperialista do capitalismo, a Geopolítica fazia parte única e exclusivamente do plano político segundo Sodré:

> [...] seu estudo, não deve deixar de ser feito, entretanto, pois encerra preciosos ensinamentos, e particularmente quanto ao grau de descomedimento e de falsidade a que pode atingir o conhecimento, quando a serviço das forças reacionárias, necessariamente obscurantistas”. (SODRÉ, 1976, p.54).

Nesta parte o autor deixa muito claro que é importante estudar a Geopolítica e as suas formas de lidar com o conhecimento para realizarmos algo que não seja esse conhecimento de caráter ideológico. Quando ele coloca que estas forças reacionárias são necessariamente obscurantistas explicita o caráter de classe do conhecimento que era produzido pela Geopolítica.

Retomando o que a Geopolítica causou em âmbitos mundiais, remete ao fascismo e, suas novas roupagens, que trazem sob um novo discurso as mesmas formas de se aplicar o seu ideário. Nos dizeres de Sodré,

> Não ficou a humanidade, entretanto, livre da deformação política que gerou aquele produto empírico; o fascismo retorna ao palco, às vezes disfarçado – batizando-se, aqui e ali, cinicamente, de democracia – mas sempre furioso e anticultural, como o neocolonialismo, que também abandonou as roupagens ostensivas do colonialismo tradicional – a que a Geografia esteve tão estreitamente ligada – para apresentar-se em travestis esfarrapados. Não é demais, pois, sumariar a gênese e a função da Geopolítica, apesar de tudo. Rebentos seus apodrecem à nossa vista. Não custa compreendê-los

> e situá-los pela informação sobre a matriz e sobre as condições que a geraram. (SODRÉ, 1976, p.54,55).

Não mede esforços para colocar a Geopolitica como a parte mais monstruosa pertencente à Geografia. No capitulo “A Geopolítica” e também em vários outros pontos da obra que a ela se refere, Sodré enfatiza o seu caráter não científico e lhe atribui o adjetivo de pseudogeográfica. Neste sentido até a construção de “disfarces semânticos” era usada. Sodré exemplifica esta troca semântica em relação à Antropogeografia com a Geografia Humana e a Geopolítica com a Geografia Política.

> Note-se – porque os aspectos formais, são, por vezes, diáfanos disfarces daquilo que é conveniente esconder ou desconhecer – que duas controvérsias semânticas assumiram largas proporções: entre os partidários do título Antropogeografia e os partidários do titulo Geografia Humana, para o novo ramo dos estudos geográficos; e entre os partidários, pouco adiante, de Geopolítica ou de Geografia Política, como titulo para outro ramo da mesma Geografia. Com a diferença, do segundo em relação ao primeiro caso, de que o titulo Geopolítica, tendo sido desmoralizado, os partidários do título Geografia Política passavam a explicar que esta nada tinha a ver com aquela. (SODRÉ, 1976, p.57).

As novas disputas territoriais que surgiram no mundo após a Segunda Guerra Mundial provocaram uma nova disputa pela expansão imperialista. Nos países que faziam parte deste processo mais intensamente como a Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos propiciar-se-iam as condições necessárias para a passagem do campo da Geografia ao da Geopolítica. Esta passagem, de acordo com Sodré, deve-se ao “teórico da expansão imperialista inglesa Halford Mackinder”. (SODRÉ, 1976, p.58). Neste sentido, a Geopolítica apresenta um papel de destaque no jogo político mundial entre as principais potências, dando a elas condições para alcançar um maior nivel de desenvolvimento e possibilidades de organizar e colocar nos seus devidos lugares as “peças” desse mosaico. O primeiro a empregar a expressão Geopolítica foi o sueco Rudolf Kjellén. De acordo com Sodré,

> A Geopolitica passa de concepção desvairada de um geógrafo medíocre a instrumento teórico de destacado papel, assim, graças, de um lado – o geral – ao advento do socialismo no poder de um grande Estado e, de outro lado – o particular – à necessidade de aproveitar os ressentimentos e dificuldades da derrota e frustação para armar ideologicamente a burguesia alemã, tornando-a tropa de choque para a destruição da União Soviética, ao mesmo tempo que

> teoria justificatória da expansão imperialista na América, Ásia e África. (SODRÉ, 1976, p.59).

A tese central trabalhada no capítulo sobre a Geopolítica, diante de todas as variações, é que esta é a “Geografia do fascismo”. O autor defende isto baseado no contexto histórico-político que vivia o mundo na Segunda Guerra Mundial, sobretudo direcionado ao regime nazista na Alemanha. Ele coloca que a Geopolítica somente tomou *status* de ciencia e seus princípios se arrogaram a condição de “verdades” pelo regime nazista ter lhe dado primazia.

> Sem o nazismo, a Geopolítica não teria ultrapassado os limites daquilo, que, com freqüência, na fase de decadência do capitalismo, em vários campos, confunde, a novidade com o novo. Seu ingresso na área científica estaria naturalmente vedado. O regime, entretanto, compeliu de forma irresistível, à submissão, todos aqueles que necessitavam continuar a exercer, na Alemanha, atividades culturais. (SODRÉ, 1976, p.63).

Uma outra problemática levantada em relação à Geografia é a existente entre o Homem e a Natureza. É o entendimento do processo histórico pelo homem, que com o poder de modificação do seu meio, consegue estabelecer uma relação com ele através da aplicação de um trabalho, trabalho este que será o motor do processo transformador8 que construirá a sociedade que o homem vive. Este tipo de interpretação apareceu, sobretudo com a revolução cientifica do século XVIII com o advento da ciencia moderna.

Mais uma vez durante a obra, Sodré remete a discussão sobre ciencia. Este autor discute neste outro momento que, a importância do aparecimento de diversos conhecimentos durante diferentes períodos históricos é extremamente necessário para o processo evolutivo da ciencia, ou seja, desconsiderar ou “julgar de forma mecanicista” (SODRÉ, 1976, p.76) estes conhecimentos anteriores ao seu período presente é certamente ignorar a complexidade da formação à qual a ciencia passa.

No entanto, não “abandonar” as concepções anteriores que podem não mais acompanhar o desenvolvimento histórico do momento e trabalhar para fazer evoluir cientificamente as ideias e as técnicas é, cair num discurso ideológico do qual precisam as classes dominantes para manter o *status quo* e alienação da maioria da sociedade. Em relação a isto e conjugado com as discussões sobre o Homem e a Natureza, Sodré diz que:

> O importante seria, em seguida, abandonar a concepção metafísica e mecanicista, deixar de ver a natureza como obra acabada, estática, insusceptível de mudança. Essa concepção metafísica, que fechava os olhos à observação da realidade objetiva e se ancorava em concepções filosóficas próprias da classe dominante, mais voltada para o passado do que para o futuro, levava, inexoravelmente, ao determinismo geográfico. Este, que fora historicamente compreensível e inevitável, como etapa necessária no domínio dos conhecimentos, e particularmente os da natureza, representava, agora, obstáculo ao progresso da ciencia e, adotado, definiria uma posição ideológica mais do que uma posição cientifica. (SODRÉ, 1976, p.77,78).

A relação do Homem com a Natureza é a responsável pela existência material de tudo que pertence às sociedades. Um animal modifica a natureza exterior somente com a sua presença, já o homem consegue adaptá-la e, assim podemos dizer que o animal simplesmente utiliza a natureza e o homem a domina para coloca-la a seu serviço. A conseqüência disso, do ponto de vista científico, é que a relação Homem - Natureza deve ser considerada no contexto das relações sociais e não no nível do indivíduo.

No capítulo “Problemas da Geografia”, Sodré trouxe discussões que são importantes ainda hoje para o desenvolvimento da ciência geográfica. O conceito de espaço, pela complexidade e pela amplitude das discussões torna-se importante para além dessa disciplina e se estende para a ciencia como um todo.

A problemática ligada ao conceito de espaço é que, este, ficou conhecido “pelo seu sinônimo imperfeito de solo” (SODRÉ, 1976, p.93). Sodré discute este conceito a partir de outras ciencias para refletir a quem pertencia esta categoria, tanto dentro das ciencias naturais quanto dentro das ciencias humanas.

Percebemos que sempre quando o autor realiza alguma crítica relacionada ao contexto por ele vivenciado era cuidadoso no tratamento dos temas. Ele diz que a Geografia como qualquer outra ciencia apresenta seu avanço sob erros e acertos, contudo, a avaliação desses erros, segundo ele, é importante para o desenvolvimento científico. Alguns desses erros eram “derivados das ciencias vizinhas, outros inerentes ao trabalho dos Geógrafos, uns terceiros ligados à luta ideológica que, por vezes, os sacralizava em mitos”.

(SODRÉ, 1976, p.96). Esta luta ideológica e a “sacralização” dos mitos diziam respeito ao contexto da ditadura militar vivenciada.

Pensando o papel da Geografia no movimento da ciencia, Sodré coloca o seu entendimento do que essa disciplina trata. Assim, como um marxista e comunista, Sodré faz a crítica da neutralidade científica, pois para ele “todo conhecimento importa sempre em tomada de posição” (SODRÉ, 1976, p.106) e por isso não desvincula ciencia de ideologia como já dito acima. Segundo Sodré, portanto, para a Geografia

> Nada do que é humano lhe é estranho. Os geógrafos que não estranham, nem repudiam, a invasão, na Geografia Física, de áreas como a da Geologia, da Meteorologia, da Geofísica, da Biologia, da Botânica, arrepiam-se quando a Geografia Humana se aproximada Economia, da Sociologia, da Política, da História. Mas os compêndios mais elementares de Geografia ocupam-se do cosmos, das raças, da população, da economia. Assim, o geógrafo deve conhecer as ciencias que se ocupam dos astros, a etnologia, a antropologia, a demografia, a economia. E, em cada uma, saber distinguir o aspecto geográfico, aquilo que, sendo delas, serve, quando associado, gerando o geral ou o universal, ao conhecimento geográfico. Para isso, é preciso saber, sem dúvida. Já Brunhes, apesar de sua visão limitada da Geografia, podia discorrer sobre essa necessidade de conhecimento: “Os fins da Geografia Humana ultrapassam o problema da Geografia Política e da Geografia Econômica, com as quais se tende a confundi-la, pois abrange-os dentro de um programa mais amplo, impregnado do caráter filosófico, que deve a seus ilustres antecessores”. Nem todos, mesmo os que tratam da Geografia econômica, pensam assim, entretanto. Mas já Lucien Febvre havia definido: “Ora, quem quer trabalhar, utilmente, no estudo das relações do meio e das sociedades humanas deve possuir, sem dúvida, o profundo conhecimento desse meio e a inteligência exata da verdadeira natureza e do caráter próprio das sociedades humanas”. (SODRÉ, 1976, p.105,106).

Durante toda a construção textual de Sodré nesta obra, quando ele realiza a exposição sobre a sistematização do que conhecemos atualmente como Geografia, o autor constrói a idéia de como ela foi utilizada para ajudar a consolidar os processos presentes no sistema capitalista, assim, a Geografia servindo como um aparato ideológico do Estado e para o Estado diante da edificação de uma sociedade baseada na exploração para alcançar o desenvolvimento que é desigual.

Neste sentido, no último capitulo da obra denominado de “As Falsidades Ideológicas”, Sodré realiza uma síntese, mas não conclusiva e sim reflexiva para a continuação da prática geográfica, ou seja, o que a Geografia deveria deixar de ser e o que deveria se tornar. Durante seu processo de

sistematização e institucionalização a Geografia se envolveu muitas vezes diretamente com o Estado e com as necessidades diretamente ligadas às classes dirigentes. Esta pode ser considerada a tese central das discussões sobre a Geografia realizada por Sodré.

Sodré, embora proceda à crítica da produção geográfica não alcança propor um novo fazer para a Geografia. O mérito, portanto, da obra reside na análise critica do todo produzido pela ciência geográfica o que, no momento da confecção do texto teve um significado bastante importante e se desdobrou nas discussões que advieram dessa publicação ao longo de vários anos, sobretudo nos centros em que a "renovação crítica" teve maior poder de inserção.

Referências

MORAES, A.C.R. Ordenamento territorial: uma conceituação para o planejamento estratégico. In: MORAES, A. C. R. **Meio ambiente e ciencias humanas.** 4ª. ed. São Paulo: Annablume, 2005, p. 139-149.

BECKER, B. K.; EGLER, C.A.G. **Brasil:** Uma nova potência regional na Economia-Mundo. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. 268 p.

MORAES, A.C.R. **Geografia:** Pequena História Crítica. 20. ed. São Paulo: Annablume, 2005. 152 p.

GOMES, P.C.C. **Geografia e Modernidade.** 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 368 p.

SODRÉ, N.W. **Introdução à Geografia:** Geografia e Ideologia. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1976. 135 p.

SALDAÑA, J.J. Ciencia e identidade cultural: história da ciencia na América Latina. In: FIGUEIRÔA, S.F. de M. **Um olhar sobre o passado:** História das ciencias na América Latina. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2000. p. 11-31.

FIGUERÔA, S.F. de M. Marcos para uma história das ciencias no Brasil. In: FIGUERÔA, S.F. de M. **As ciencias geológicas no Brasil:** uma história social e institucional, 1875-1934. São Paulo: Editora Hucitec, 1997. p. 15-32.

MOTOYAMA, S. (org).; NAGAMINI, M.; QUEIROZ, F.A de.; VARGAS, M. (Colaboradores). **Prelúdio para uma história:** ciencia e tecnologia no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. p. 519.

FERRI, M.G.; MOTOYAMA, S.; (coordenadores). História das ciencias no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979. p. 390.

BRANDÃO, G.M.; NOGUEIRA, M.A. Nelson Werneck Sodré: In memoriam, 1999. Disponivel em: < http://www.artnet.com.br/gramsci/arquiv72.htm>. Acesso em: 02 fev. 2011.

MONTEIRO, C.A.F. A Geografia no Brasil ao longo do século XX: um panorama. São Paulo: Associação dos geógrafos brasileiros – São Paulo. n.4, 2002.